

## Fundamentos da Prática na Pesquisa Organizacional

Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov<sup>1</sup>,  
Denise de Camargo<sup>2</sup>Liliane Canopf<sup>3</sup>, Raquel Dorigan de Matos<sup>4</sup> e  
Norma da Luz Ferrarini<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Administração Universidade Positivo, Brasil. ybulgacov@gmail.com

<sup>2</sup>Departamento de Psicologia Universidade Tuiuti, Brasil. denisedecamargo@uol.com.br

<sup>3</sup>Departamento de Administração Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco – NUPEA, Brasil.  
lilianec@utfpr.edu.br; elizandramachadof@gmail.com

<sup>4</sup>Departamento de Administração Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Brasil. raqueldorigan@uol.com.br

<sup>5</sup>Departamento de Psicologia Universidade Federal do Paraná, Brasil. normadaluz@ufpr.br

**Resumo.** Revelar os fundamentos da prática da pesquisa organizacional pode ser uma tarefa árdua mas imprescindível. Assume-se o fazer pesquisa como uma atividade reflexiva e de escolha do pesquisador frente aos pressupostos e modelos diversos da prática científica com suas respectivas implicações técnicas, éticas e políticas (Morgan, 1984). Prática científica assim compreendida como parte de um acontecer histórico no qual o pesquisador e sujeito da pesquisa encontram-se situados concretamente (Bulgacov & Vizeu, 2011). A ênfase, portanto, do processo investigativo deve ser posta no campo, na ação, na relação do pesquisador com o outro e na experiência e vivência do pesquisador (Amorim, 2004). Encoraja-se, portanto, o pesquisador social a examinar o que faz com o contexto de opções disponíveis. Para tanto discorre-se sobre as mediações filosóficas e sociológicas da ciência na prática científica e as mediações epistemológicas e metodológicas.

**Palavras-chave:** Fundamentos; Prática; Pesquisa Organizacional.

### Partner Fundamentals Historical and Cultural Knowledge Practice in Organizational Research

**Abstract.** Reveal the foundations of organizational research practice can be a difficult but essential task. We assumed to do research as a reflective activity and choice of the researcher front of the assumptions and different models of scientific practice with their respective technical, ethical and political implications (Morgan, 1984). Scientific practice as well understood as part of a historical event in which the researcher and the research subject are situated concretely (Bulgacov & Vizeu, 2011). The emphasis, therefore, the investigative process should be put in the field, in action, in the researcher's relationship with the other and experience and the experience of the researcher (Amorin, 2004). Encourages, therefore, the social researcher to examine what makes the context of options available. Therefore, it elaborates on the science's philosophical and sociological mediations in scientific practice and the epistemological and methodological mediations.

**Keywords:** Foundations; Practice; Organizational Research.

## 1 Introdução

É objetivo deste artigo revelar os fundamentos ontológicos (natureza do objeto de pesquisa), epistemológico (forma de apreensão do objeto) e metodológicos da prática da pesquisa organizacional. Burrell & Morgan (1982) deram uma contribuição histórica em 1979 para os estudos e pesquisas organizacionais ao afirmarem que “todas as teorias da organização são baseadas numa filosofia da ciência e numa teoria da sociedade” (p.1). Revelam estes autores que as teorias da organização são linguagens temas que podem ser investigadas através de outras linguagens (metalinguagens). Abib (2007) auxilia o desenvolvimento destas ideias ao demonstrar a importância histórica desta afirmação quando argumenta que nenhuma linguagem é completa, que nenhuma

linguagem diz tudo o que há por ser dito. Afirma também que, ao elucidar a linguagem de uma teoria da organização com auxílio de outras linguagens ganha-se, ao cabo, uma perspectiva inédita.

Que prática científica está sendo feita? Quais suas concepções implícitas de ciência e sociedade? O objetivo é refletir sobre o que estamos fazendo. Concordamos com Heller (1993), que a ciência tem grande significado político. “Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político” (p.11).

Defendemos o desenvolvimento da consciência do pesquisador sobre o seu fazer científico, sobre as mediações conceituais implícitas em suas ações científicas. Nenhuma ação é neutra. Nenhum método é ingênuo. É nosso objetivo dar voz a esses fundamentos.

Após esta introdução, este artigo é dividido em quatro seções. A segunda discute as mediações filosóficas da prática científica, a terceira as mediações epistemológicas e metodológicas, seguida por uma discussão sobre a generalidade do conceito de pesquisa qualitativa e, finalmente, as considerações finais.

## 2 Mediações filosóficas e sociológicas da prática científica

A considerar a dimensão da experiência e da consciência do pesquisador há duas formas possíveis de organização da experiência do conhecer; dois modos de pensamentos para a construção da realidade, que implicam em diferentes modos de verificação (Bruner, 1997). O primeiro, o paradigmático ou lógico-científico, tenta preencher o ideal de um sistema formal matemático de descrição e explicação do fenômeno empírico. Este emprega categorização e operações pelas quais as categorias são estabelecidas, fazendo uso de procedimentos para assegurar a referência comprovável e testar a veracidade empírica. Sua linguagem é regulada por necessidade de consistência e de não contradição; trata de elementos observáveis aos quais decorrem suas afirmações básicas, mas também por categorias logicamente testadas, em busca de conexões formais possíveis, possíveis causas, expressas em leis abstratas.

O segundo modo de produção de conhecimento, o modo narrativo, não tem como princípio operativo os critérios do modelo anterior. Sua expressão depende de sua verossimilhança com a vida; adota-se outra forma de causalidade científica, a experiência do significado, construída sobre a preocupação com a condição histórica humana, da consciência, “onde os envolvidos na ação, sabem, pensam ou sentem, ou não sabem, não pensam ou não sentem” (Bruner, 1997, p.15). Nesta perspectiva o pesquisador não é um mero expectador (nem mesmo um receptor) é um sujeito concreto, um interlocutor que produz significado, que produz indagações sobre os pressupostos relacionais adotados na pesquisa. Ao agir assim, o pesquisador necessariamente revela seu mundo vivido e suas pretensões de construção de conhecimento. É assim, neste modo de conhecer, que se caracteriza a pesquisa qualitativa, no qual o pesquisador é considerado o instrumento primário, que busca, por intermédio da ótica dos atores envolvidos, a compreensão do fenômeno sob estudo (Merriam, 2008).

A opção do pesquisador entre esses dois modos de organizar a experiência guarda uma relação com a forma de conceituar a organização, objeto dos estudos organizacionais. E conseqüentemente, a depender da natureza pressuposta do objeto a ser conhecido, condiciona-se a eleição do método (caminho) com sua respectiva linguagem que conduza a uma aproximação do fenômeno a ser apreendido.

Burrell & Morgan (1982) ao discorrerem sobre as teorias clássicas e as teorias sistêmicas da organização (representando-as ora pela metáfora da máquina, ora do organismo, ora como sistema cultural, ora como instituições, igualmente como ecossistemas) demonstram a opção dos pesquisadores na utilizando do ferramental lógico-científico, próprio das ciências naturais. Por outro

lado constata-se uma incorporação de outros campos de conhecimento das ciências sociais até então considerados marginais, entre eles a linguística, a antropologia, a psicologia social, as ciências políticas e outras, na intenção de se aproximar mais da complexidade humana nas organizações (Chanlat, 1992). Assim faz-se opção pelo modelo de ciências sociais procurando outro tipo de causalidade científica, a experiência de significados junto aos atores organizacionais imersos em contextos sócio, históricos, econômicos e sociais.

Smircich (1983) aponta que o pesquisador, ao engajar-se em práticas interpretativas, indaga sobre o conhecimento que os indivíduos possuem sobre suas situações, sejam elas de si ou dos outros. Neste esforço, debruça-se sobre as narrativas que delas derivam, decifrando os símbolos culturais, revelando o sistema de significados do grupo, seus valores, suas crenças e ações, suas visões de mundo, enfim, seu *ethos*, sintetizando uma imagem da realidade daquele grupo e tornando-a acessível para consideração e reflexão. Assim, no campo, o papel do pesquisador é o de aprendiz. Significados não existem nos objetos e nas atividades; eles são designados aos eventos por pessoas, que percebem e interpretam seu contexto. Estamos nos referindo a um processo de observação contextualizada, onde sujeitos concretos interagem, onde pesquisador e pesquisados decidem por um trabalho comum e consciente, nunca neutro, mas, como toda forma de conhecimento, um trabalho interessado (Habermas, 1987).

Bulgacov (2013) auxilia-nos a refletir sobre as concepções de sociedade que estão implícitas nas nossas escolhas do tipo de pesquisa que queremos fazer. Que concepções de sociedade adotamos em nossas práticas científicas organizacionais? Retomando Habermas (1982) ressalta a importância da análise do contexto e das estruturas de nossas investigações que são as que circunscrevem o sentido e a validade de nossos enunciados que só são possíveis com a teoria da sociedade. Em outras palavras, as teorias sociológicas constituem outra forma de mediação simbólica de nossas práticas científicas. Por um lado, temos a sociologia desenvolvida por sociólogos funcionalistas que para análise da sociedade seguem o modelo da regulação, enfatizam *unidade e coesão* voltadas à necessidade de regulação dos assuntos humanos. Uma sociologia orientada para explicar por que os membros da sociedade se mantêm juntos mais do que se separam. Por outro lado, a sociologia da transformação qualitativa da sociedade, que tem um olhar crítico sobre a cultura historicamente constituída e constituinte do homem. Os teóricos críticos focalizam a crítica da sociedade contemporânea sobre formas e fontes de alienação, as quais veem como inibidoras das possibilidades de realização humana. Essa sociologia da mudança radical busca encontrar uma explicação para a mudança radical, o conflito estrutural profundo, os modos de dominação e a contradição estrutural, elementos que caracterizam a sociedade moderna. Uma sociologia voltada para a emancipação do homem que, enfoca sua privação material e psíquica. Visionária e utópica olha na perspectiva da potencialidade mais do que o simples atendimento das necessidades de uma dada sociedade.

### 3 Mediações epistemológicas, metodológicas e éticas na prática científica

A partir do exposto, a questão final é que métodos são pertinentes para apreender o objeto de estudo, tal qual conceituado. Por exemplo, se compreendendo a organização como algo dado, objetivo, sabe-se por implicação que a epistemologia positivista e seus respectivos procedimentos de exigência do observável, mensurável, manipulável, controlável, entre outros, são coerentes. Logo a relação pesquisador - objeto de conhecimento segue as regras do positivismo, ou seja, deve ser objetiva, livre de interpretações e suspensão da subjetividade do pesquisador. Posição na qual se delega a métodos formais e estatísticos a garantia de sistematização e verdade.

Por outro lado, se conceituar organização como um fenômeno humano, simbólico, histórico e cultural, será coerente utilizar os princípios antipositivistas de fazer conhecimento através de métodos coerentes. Nesta perspectiva o mundo é interpretado, o conhecimento é construído a partir da perspectiva do sujeito, tanto como pesquisador como pesquisado. O objeto, portanto, não é algo sem subjetividade. O pesquisador não é objetivo. O pesquisador entra no processo da pesquisa com sua singularidade, fazendo suas relações. Na pesquisa de base epistemológica positivista o pesquisador delega a veracidade aos instrumentos, a linguagem matemática e formal. Na pesquisa com base epistemológica antipositivista o pesquisador é o instrumento.

Outro aspecto a destacar é a concepção de homem que permeia estas epistemologias que no positivismo o homem é concebido de forma determinista e no anti-positivismo concebe-se o homem como um ser singular, concreto, histórico e portador de uma subjetividade que é enraizada no social. A primeira postura pressupõe uma causalidade mecânica e a segunda uma dialética dialógica que pressupõe a mediação.

Do ponto de vista da linguagem a epistemologia positivista caracteriza-se pelo uso de uma noção dominante e “natural” de linguagem o que garantiria uma cobertura lógica e universal do real (Pan, 2001). A linguagem deve espelhar a realidade, devido a isso ela deve ser precisa e objetiva eliminando toda a subjetividade humana do pesquisador. Assim o pesquisador igualmente trata seu objeto como isento, pelo menos do ponto de vista metodológico, de subjetividade. O homem é concebido como determinado pelo meio, resta descrevê-lo do ponto de vista objetivo.

Diferente da epistemologia interpretativista, que pressupõe em sua versão construtivista, a relação interativa do ser humano exerce domínio de si a partir do exterior através de um sistema simbólico cultural, posição que em que não são as ferramentas, os signos em si e de si que são importantes no desenvolvimento do pensamento, mas o significado nele codificado (Daniels, 2011). Em outras palavras, pressupõe a mediação e um homem ativo na interação com as práticas sociais e culturais.

Finalmente, outra questão central na pesquisa ainda pouco explorada nos estudos organizacionais é a questão da ética implicada em todas as questões acima enunciadas. Existe uma tensão ética implicada quando se considera o “objeto” do conhecimento sem subjetividade. Quando não se dá voz a nenhum desses “sujeitos”. É necessário revelar a questão ética quando a verdade é definida unilateralmente, quando a verdade fica delegada a critérios quantitativos aleatórios, quando a verdade fica delegada a instâncias formais. Quando a verdade fica delegada a discursos formais e matemáticos, sistemas abstratos, longe da concretude da prática humana (Pan, 2001).

## 4 Conclusões

A reflexão, proposta sobre as possibilidades de construção do conhecimento na pesquisa destaca o pesquisador como sujeito de sua prática, que deve fazer escolhas e escolhas éticas. Sendo sua escolha a realização de pesquisa qualitativa, a partir da produção do conhecimento de modo narrativo, é preciso ter uma clara concepção de homem e de organização, estar disposto a questionar aos outros e a si mesmo, a dar voz e vez a todos os envolvidos na prática a ser pesquisada. Além disso, buscar saberes de diversas áreas, entendendo sua prática científica é uma prática humana enraizada no social.

**Agradecimentos.** A secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Governo do Estado do Paraná. À Fundação Araucária e à Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

## Referências

- Abib, J. A. D. (2007). Análise Metalinguística de Teorias da Organização. In: Matias, M.C.M. & Abib, J. A. D. *Sociedade em Transformação: Estudo das Relações entre Trabalho, Saúde e Subjetividade*. Londres: Londrina, EDUEL.
- Amorim, M. (2004). *O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora.
- Bruner, J. (1997). *Realidade Mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bulgacov, Y. L. M. & Vizeu, F. (2011). A Positividade da Emoção na Pesquisa. *Cadernos EBAPE.BR*, v.9, Edição Especial, artigo 3, Rio de Janeiro.
- Bulgacov, Y. L. M. (2013). Debate Epistemológico, Ontológico e Metodológico. In: Takahashi A. R. W. A. *Pesquisa Qualitativa em Administração: Fundamentos, Métodos e Usos no Brasil*. São Paulo: Atlas.
- Burrell, G. & Morgan, G. (1982). *Sociological paradigms and organizational analysis*. London: Heinemann.
- Chanlat, J. F. (1992). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas.
- Daniels, H. (2011). *Vygotsky e a pesquisa*. São Paulo: Edições Loyola.
- Habermas, J. (1987). *Theory of Communicative Action*. Volume Two: *Liveworld and System: A Critique of Functionalist Reason*. Boston: Beacon Press.
- Habermas, J. (1982). *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Heller, A. (1993). *Teoria de los Sentimientos*. México, DF: Distribuciones Fontamara, S.A..
- Merriam, S.B. (2008). Analysing Qualitative Data, insuring for rigor and writing up findings in qualitative research. *Consórcio Doutoral Anpad*.
- Morgan, G. (1984). *Beyond method: strategies for social research*. London: Sage.
- Pan, M. A. G. de S. (2001). Linguagem, cognição e subjetividade: um desafio ao processo diagnóstico. In: XX Congresso Nacional das APAEs - As APAEs e o Novo Milênio: Passaporte para a Cidadania, 2001, Fortaleza. *Anais do XX Congresso Nacional das APAEs: I Fórum Nacional das APAEs: as APAEs e o novo milênio: passaporte para a cidadania*. Brasília: Federação Nacional das ARAEs. v. único. p. 71-77.
- Smircich, L. (1983). Studying Organizations as Cultures. In: MORGAN, G. *Beyond method strategies for social research*. California: Beverly Hills. p.160-172.